

# Depoimento sobre um percurso

Cleusa Pavan

Como uma estudante de filosofia se converte em psicanalista? Que obstáculos específicos têm de ser vencidos neste caso? Aqui, o relato de um trajeto singular.

Os caminhos que me levaram à psicanálise devem ser compreendidos diacronicamente; não houve, como é sempre o caso, uma seqüência retilínea de acontecimentos afetivos e intelectuais, de tal forma que, a um só tempo, escolhi e fui escolhida por ela.

Esse “livre-arbítrio”, por sua vez, eu o compreendo em uma conjuntura: 1) o movimento político-estudantil que envolvia a PUC-SP quando cursava meu primeiro ano de Psicologia em 1972; 2) a resistência contra a ditadura iniciada em 64 e recrudescida em 68 com o AI 5; 3) meus anos de formação na infância e adolescência em uma pequena cidade do interior de São Paulo; 4) o ingresso no curso de Filosofia, no Departamento de Filosofia da USP, em 1973.

Enumerarei esses momentos de minha vida preterindo uma cronologia, pois foi em meio à desordem das lembranças que foi dado refletir sobre meu percurso, meu presente e minha prática profissional como psicanalista. Em particular, ter vindo buscá-la no Sedes, e não nas demais instituições dominantes na área, que determinavam segundo um ponto de vista tomado como universal a “boa formação” tanto na análise individual como no exercício desse “saber” na clínica.

Por um lado, o movimento estudantil transcendia as lutas pontuais contra o autoritarismo, quando visava criar e restabelecer o Estado de Direito, as garantias individuais e a dignidade humana, o que me possibilitou questionar a idéia de uma psicanálise bem ou mal professada, os decretos de um saber específico desenvolvido por Freud e reapropriado por uma ou outra “escola” psicanalítica, e que tomava aspectos de doutrina, dogma e preconceito. Acrescente-se, também, que ao optar inicialmente pelo curso de Psicologia da PUC, procurava voltar-me para a clínica, visto ser predominante, na época, na Psicologia da USP, a tendência experimental. Desde cedo, embora de maneira incipiente, a concepção de uma psicologia regida pelo princípio mecanicista da causalidade, o empirismo latente ou manifesto e sua extensão no estudo dos fenômenos da consciência e do inconsciente em curso na USP, afastaram-me desse espaço. A Psicologia da PUC dava maior liberdade para a reflexão acerca de paradoxos que me inquietavam e dos quais me restavam algumas reminis-

Cleusa Pavan é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Representa o grupo de trabalho de Clínica na Comissão Coordenadora Geral do Departamento.

ciências de colegial, nos anos de estudo nos então cursos Científico e Normal. Uma delas era a noção de *trauma*, que me acompanhou subliminamente muitos anos. Na disciplina Psicologia da Educação do então Colegial, além de seu caráter iluminador, pude me defrontar com um pensamento - o de Freud - que corria na contramão das ciências empíricas, auto-suficientes, acrílicas, cuja "ingenuidade"<sup>1</sup> se compreendia da própria convivência com as reflexões freudianas.

As condições de produção de uma subjetividade, desenhadas na formulações freudianas sobre o trauma (naquela época visto por mim apenas no âmbito de sua primeira formulação: sedução efetiva do adulto sobre a criança) e suas conseqüências instituintes, produziram um efeito contagiante.

Esse conjunto de experiências afetivas e intelectuais viriam a se desenvolver em meio a novas condições de vida: a luta pela anistia e pela abertura política nos *anos de chumbo* traziam à luz a necessidade de redimensionar o estatuto da disciplina acadêmica no sentido tradicional da psicanálise instituída, pois seria nas lacunas e brechas que um saber rebelde poderia se constituir.

Nesse sentido, quando admitida em 1988 no Sedes, sem os quesitos CRM ou CRP, pude aqui encontrar algo que buscava, no início, sem plano ou plena consciência: novas possibilidades de ingresso no trabalho da obra e do pensamento de Freud, bem como do exercício anti-dogmático da profissão. A circunstância de minha proveniência ser, naquela ocasião, o Departamento de Filosofia da USP não constituiu uma dificuldade, pois, herança de concepções questionadoras em relação à Sociedade de Psicanálise de São Paulo dos psicanalistas que fundaram o curso do Sedes, aqui neste espaço buscava-se dar conta, também, da questão da ampliação das possibilidades de acesso ao ensino e à formação psi-

canalítica. Assim, minha origem teórica não poderia se constituir *em si* como um obstáculo e seria avaliada num contexto de múltiplas determinações. Minha admissão revestiu-se de caráter experimental, comemorada, agora segundo minha perspectiva, como uma oportunidade de aproximação mais estreita do campo psicanalítico em seu vértice clínica/atendimento, terreno até então pouco trafegado por mim.

Ao curso de Filosofia conjugava-se minha própria análise. Se nele encontrava um método de pesquisa

sões ora inacabadas, ora definitivas, que permitiam que esta modalidade de leitura e interpretação se estendesse a qualquer texto em história da filosofia. Assim, se bem trabalhados textos de Descartes e Kant, como foi o meu caso, o método permitia que autores novos fossem igualmente compreendidos, segundo uma pesquisa autônoma, já que estávamos instrumentados para lê-los.

Além disso, esses dois autores não são uma notoriedade na história do pensamento apenas por uma

Minha admissão revestiu-se de caráter experimental: foi comemorada como oportunidade de aproximação à clínica e ao atendimento.

e interpretação de textos, segundo uma atitude que respeitava os passos do filósofo a fim de compreendê-los sem sentenciá-los ou julgá-los, também estava em aberto a questão da *objetividade* das leituras. O acesso a um sentido único e definitivo de uma obra viria privá-la de interpretações. Tendo como matriz um curso calcado na história da filosofia que tem o seu centro sólido na análise dos textos, segundo a leitura guerroultiana, em particular na obra *Descartes selon l'Ordre des Raisons*, era possível seguir não a "ordem das matérias", expostas em lapsos ou lacunas do trabalho da escrita, mas, sim, organizá-los segundo uma idéia reguladora. Esta conferia uma seqüência necessária de razões, através das quais era possível reconhecer o problema tratado pelo filósofo, a maneira como foi por ele construído e as conclu-

escolha arbitrária. Ao estudar Descartes, pude notar que a fundação do pensamento moderno no século XVII, ao qual devemos nosso tributo, coincidia com a cisão corpo e alma, a intransitividade entre ambos, para a construção do sujeito do conhecimento<sup>2</sup>. A a-historicidade, a recusa do eu empírico, da tradição, do passado e da memória constituíam o a priori da construção do sujeito cognoscente, puro vazio interior.

Simetricamente, em Kant, as noções de espaço e tempo, pilares de toda a forma do conhecer que até hoje guiam a ciência, foram de grande valia quando, em contato com os textos de Freud, pude acompanhar a desconstrução, pela análise do inconsciente, das noções kantianas de espaço e tempo. Estas eram, ora dilatadas, ora estreitadas pela noção de experiência, não

mais a kantiana, que se restringia ao conhecimento fenomenal. O "nomenon" freudiano revertia, ou melhor, desconstruía grande parte de uma tradição que inviabilizava o contato da alma com o corpo, do corpo com o mundo, e a experiência da relação do homem consigo mesmo<sup>3</sup>. Também aplicado ao estudo do pensamento kantiano, o método guerroultiano permitia resgatar a ordem latente das razões que a "razão desconhece".

Ainda, do ponto de vista da *objetividade* das leituras, questão

ceito de objetividade. Se esta existe, é no sentido do confronto destas alteridades interpretativas, que coloca face-a-face Mito e Logos, Eros e Tanathos, Ratio e Irratio. Esta convivência foi extremamente fecunda em minha vida ulterior, no contato com a teoria psicanalítica através de grupos de estudos em psicanálise coordenados por psicanalistas, cursos de Epistemologia da Psicanálise oferecidos por professores da Psicologia da USP, conferências, mesas redondas, etc.

Contextualizar a descoberta

o mais ansiado, portanto o mais esquecido e inexplicado. O que mais uma vez trazia as lembranças de leituras feitas sem preocupação analítica, agora redimensionadas. Lembrava-me, em particular, da *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, onde Freud contrapunha a superstição à psicanálise: para o homem supersticioso, tudo o que ocorre no mundo exterior é *sinai*; já no universo interno tudo é casual; com a psicanálise passa-se o inverso: no mundo de fora tudo é contingente, no mundo mental tudo é necessário. Deste modo, um sentido há, mesmo que desconhecido.

O ignorado retornava, ainda, sob outra figura: no pós-68 e pós-AI 5, as liberdades fundamentais de organização e expressão destroçadas, prisões, torturas, assassinatos ainda acontecendo. E agora bem mais às portas de casa, já que eu estava em São Paulo e começava a conviver com pessoas oriundas dos movimentos de resistência de 68, da Maria Antônia (Faculdade de Filosofia - USP) - essa "*Rua na Contra-mão*"<sup>5</sup>, como foi denominado o livro que contém ensaios sobre os acontecimentos que aí ocorreram -, de entidades como a UEE, que em 71/72 mantinha uma diretoria clandestinamente eleita e em atividade - esta inserção não me deixou impune.

Naquela época, a luta contra um "inimigo de fora", muito bem delineado, com contornos terríficos, com poderes contra os quais já existiam táticas e estratégias de enfrentamento definidas e até certo ponto convincentes, já existiam "organizações revolucionárias" minimamente estabelecidas e era preciso ação rápida - o que era incompatível com toda "preocupação" com a vida interior, com a subjetividade psicológica, ética ou intelectual -, urgia que tudo fosse negado, ou melhor, "postergado". Ainda mais quando se tratava de uma inserção na Faculdade de Psicologia da PUC-SP, reconhecida na-

Naquela época de luta contra um inimigo de fora bem delineado, urgia que a "vida interior" fosse negada, ou melhor, postergada.

sempre em aberto quando do contato com os textos filosóficos, pude notar que a supremacia do método analítico de forma alguma contrastava com o reconhecimento da diversidade de abordagens e da compreensão do significado de uma história da filosofia. O positivismo que via progresso no pensamento, partindo dos gregos como sua "aurora" para chegar à ciência neonstrutivista como seu clímax (visão de Burnet, por exemplo na *Aurora do Pensamento Grego*), que excluía o mito como narrativa fragmentária, ilusória, fantástica e irracional<sup>4</sup>, para a ele contrapor a linguagem do *logos e da Ratio*; a visão de uma Grécia dionisíaca - desmesura convertida em medida - na versão nietzschiana; ou de uma Grécia classicista - a boa forma - como a de Renan, já apontavam para uma abertura do próprio con-

freudiana, "terceira grande revolução" na história do pensamento, a partir de um pouco de história da filosofia, e poder transpor para o terreno dos textos psicanalíticos aquele método de leitura capaz de balizar o usual "associacionismo livre" sobre o texto, conferindo a ele uma fala própria, condição de possibilidade de sobreposição de outras falas - considero ter sido uma contribuição importante durante os estudos em grupo num primeiro momento e os seminários do próprio curso, posteriormente.

Nesta fase, retornavam, em outra dimensão, as preocupações da colegial, enriquecidas e re-situadas, uma vez em combinação com minha própria análise. Aquilo que, de início, poderia parecer-me arbitrário - o valor atribuído ao curso de Psicologia - revelava-se "necessário", atendia a um desejo, de certo

normas e valores burgueses, a uma moral que se tratava de contestar e pôr por terra.

Conflitos e repressões internas seriam “curados” por revoluções exteriores ao indivíduo, com o estabelecimento de uma nova ordem sócio-econômica, sob a direção de uma nova classe social. O peso da experiência stalinista na ideologia de esquerda denominava qualquer dor psíquica como “problemas pequeno-burgueses”, sendo a determinação econômica a explicação em primeira e última instância dos fenômenos sociais. Alimentava-se a vida interior com conquistas importantes no nível político, cultural - como, por exemplo, a reconstrução das entidades estudantis livres (CAS, DCEs, UEEs, UNE), a organização do CDPP (Comitê de Defesa dos Presos Políticos), greves, passeatas, ampliação da esfera de manifestação e expressão, luta pela volta da filosofia no segundo grau, etc. etc. Enfim, conquistas e movimentos muito ricos em termos de circulação de idéias, debates, afetos, energias... Essa espécie de *gratificação segunda* em relação ao “abandono” da vida psíquica, eu a levei para a Filosofia. Durante o curso, fiz muita política. Mas foi aí que um desencantamento, ou melhor, uma apreensão mais clara em relação à militância missionária e sem limites ocupou meus pensamentos<sup>6</sup>. Se é verdade que ela esteve sim a serviço de importantes conquistas, em conjunto com outros colegas de organizações políticas, também alimentou obscurantismos, manteve a convicção da existência da “verdade revolucionária”, a cujo préstimo se encontravam “verdades” organizacionais extremamente autoritárias, absolutas, em relação às quais era preciso muita cautela. A psicanálise já estava em vigor dentro de mim: a renúncia ao prazer individual, o “heroísmo” revolucionário que travestia impulsos suicidas ou outros, a concepção de *grupo* encerrado hermeticamente sobre si

mesmo, que se constituía como uma sociedade secreta fundada no segredo - tudo isso resultou num processo doloroso de luto, vivido em torno de meu desligamento da vida política praticada naqueles parâmetros organizativos em que me encontrava.

Em relação a todo esse movimento político e meu envolvimento, questões que eram pressentidas por mim, viram-se posteriormente, melhor caracterizadas, em particular, no ensaio de Irene Cardoso sobre a “Interdição do Passado”.

que é o contrário de uma cicatrização: “a normalização da sociedade e da política no Brasil é marcada por esse jogo entre esquecimento e memória, seja no aspecto da dimensão inercial do tempo, seja no de imposição”.

Disso tudo, o importante a frisar, que mais uma vez traz a presença constante da filosofia, é que a idéia de uma história *mal* contada supõe que exista uma que poderia ser *bem* contada; quando na verdade aprende-se, com a filosofia, menos por seu conteúdo doutrinário e

Para a memória que põe em funcionamento as técnicas de esquecer, resulta o não-poder-esquecer, pois este só é possível quando algo é registrado na ordem simbólica.

Assim como o Estado Terrorista impunha o “esquecimento” deixando cadáveres por sepultar e, portanto, privando-nos do luto, fazendo com que cada um de nós carregasse esse passado morto-vivo em termos próximos ao que Marx já descrevera no *Dezoito Brumário*<sup>7</sup> - que os fantasmas do passado vêm importunar o cérebro dos vivos - também era preciso analisar não o que as pessoas lembravam de 68, mas o que haviam esquecido e o sentido desse esquecimento.

Para a memória que põe em funcionamento as técnicas de esquecer, resulta o não-poder-esquecer, pois este só é possível quando algo é registrado na ordem simbólica. Assim, o esquecimento como produto do próprio fluxo do tempo fica obliterado e o que passou leva a marca da letargia (do grego *Lethe* - esquecimento - e *Argia* - inércia),

mais pela sua atitude diante dos objetos de conhecimento e por seu método, a possibilidade de uma história para além de bem e mal contada<sup>8</sup>.

O reencontro com a psicanálise, ou, mais especificamente, com a análise num primeiro momento, a partir deste luto em processamento, se deu com um passo. Antes disso, em matérias optativas oferecidas pela Psicologia para o Departamento de Filosofia, já havia retomado as *Cinco Lições de Psicanálise, o Projeto para uma Psicologia Científica, Conferências Introdutórias*, etc. A imersão nesses textos era total: leituras ansiosas, fusionadas, sem distanciamento, numa espécie de conhecimento empático com o que lia.

Hoje reconheço que havia nisso uma busca: compreender-me no texto e a partir dele. Razão pela qual

as descobertas clínicas de Freud me emocionavam e eu procurava saber onde me situar nelas. Leituras marcadas por uma espécie de *hybris*, de ansiedade e desmesura, levaram-me a procurar uma análise. Nos primeiros anos, afastei-me dos textos, mas a curiosidade intelectual e o desejo de conhecimento logo me fizeram procurar um grupo de estudos, onde permaneci alguns anos, e cujos colegas viria a reencontrar com o movimento que fiz rumo ao Curso e ao Departamento de Psicanálise do Sedes.

fendida como livre do controle dos chamados analistas didatas, em virtude de tudo o que um controle desta natureza poderia implicar em termos de impedimentos pessoais analíticos; permeabilidade a diferenças em termos de concepções teórico-clínicas, ou seja, possibilidade de trânsito por diferentes concepções, diferentes autores, sem a camisa-de-força de uma "escola", embora tendo por eleição a obra freudiana, substrato imprescindível de ancoragem também para outras concepções na área da Psicanálise.

dado, até certo ponto inteiro, de antemão, para a decifração, a leitura, interpretação, articulação com outros, etc., etc., etc. Era preciso conviver com a incerteza e a indeterminação, características de uma interação analítica onde está em questão muito menos um trabalho de decifração, e principalmente uma atividade de sustentação de um lugar de mal-estar, no qual intensidades emergem sem que para elas existam correlatos, em termos de objetos decifráveis imediatamente, havendo na maioria das vezes a necessidade do trabalho de inventá-los.

Era preciso desaprender alguma coisa. Um "texto" estaria por ser construído no decorrer de uma sessão, ao invés de estar dado.

Era preciso descobrir a "atenção flutuante" tão conhecida teoricamente, porém difícil de ser praticada no começo dos atendimentos. Convinha, num certo sentido, desconsiderar, "esquecer", um pouco a teoria - guia impeditivo de um escuta possível. Guimarães Rosa, no *Grande Sertão*, atribuía a Riobaldo a idéia de que "professor não é aquele que ensina, mas antes de tudo, quem tem o dom de aprender"; era preciso ler muito romance, muita poesia.

Aqui eu procurava um "espaço de formação talvez menos impositivo e autoritário, pois seu espectro de referências era mais amplo do que uma formação teórica solitária ou via grupo de estudos"<sup>9</sup>. Demandava um lugar de inserção entre pares que se propunham uma relação com a teoria, não enquanto "saber instituído, dogmático, no interior do qual o texto se transforma em autoridade, numa verdade absoluta ditada por intérpretes ditos qualificados"<sup>10</sup>, e sim enquanto instrumento de trabalho, sujeito, pois, a interlocuções, transformações, reformulações.

Nesse espaço algo já se delineara: não só um espaço de formação mais amplo, mas, sobretudo, com características diversas daquelas que marcavam a Sociedade de Psicanálise ou Grupos Lacanianos, por exemplo em questões fundamentais como análise pessoal de-

Isto se traduzia como uma referência freudiana explícita, enquanto em outras tratava-se de escola Kleiniana, escola Lacaniana, etc.

Neste terreno, além do trabalho teórico, foram ganhando maiores proporções a *clínica* e a *supervisão*, confirmando meu encaminhamento para o trabalho clínico.

Nesta passagem, as dificuldades foram consideráveis. O suporte teórico adquirido até então, com todo aquele rigor em termos de apreensão dos conceitos freudianos e da teoria psicanalítica, assim como a vivência de que a "boa" apropriação e transposição deles era prerrogativa do meu analista e de alguns supervisores, conferiam aos primeiros atendimentos um caráter de sofrimento. Era preciso desaprender alguma coisa. Era preciso conviver com a situação de que um "texto" estaria por ser construído no decorrer de uma sessão, ao invés de estar

A estas dificuldades vinham se somar outras, tais como o fato do curso não ter como exigência o atendimento numa clínica de cursos, o que facilitaria, num certo sentido, os primeiros contatos com pacientes.

Estou consciente de que o acesso à clínica seja especialmente propiciado pela análise pessoal de cada um, que, ao proporcionar um mergulho na realidade psíquica em seus determinantes, tanto de constituição/subjetivação quanto no nível de "modus operandi", nos coloca diante do problema do método de trabalho de suas potencialidades, dos mecanismos com os quais ele se operacionaliza. Também sabemos que uma instituição de pertencimento sempre facilita o acesso aos pacientes, a partir de uma "rotina" de atendimento devidamente acompanhada e balizada por retaguardas

importantes. Tais dificuldades foram ultrapassadas, de certa maneira, no interior da própria Instituição Sedes, que mantinha uma clínica de cursos em funcionamento.

Meu encontro com o Sedes foi bastante fecundo, também em função de algumas questões polêmicas em relação à formação, a serem desenvolvidas em outra oportunidade. O essencial é demarcar o que aí se realizou: um exercício de cidadania em sentido amplo - meio de expressão de práticas e formulações gestadas,

critérios mais explícitos da minha atividade clínica, em supervisões particulares durante, todo o tempo.

Isso foi de fundamental importância em termos de consolidação de uma prática clínica, prática capaz de me propiciar emoções semelhantes àquelas que a leitura dos casos clínicos de Freud despertavam; prática que me mantém em constante contato com a teoria/instrumento de apreensão dos "acontecimentos" analíticos, possibilitando a continuidade e ampliação de minha própria análise; e prática que

O essencial é demarcar o que aí se realizou: um exercício de cidadania em sentido amplo - meio de expressão de práticas e formulações gestadas, discutidas e atualizadas por um coletivo de pares.

discutidas e atualizadas por um coletivo de pares. Este caráter político-ideológico possibilitou fluxos em várias direções: atuações em diferentes setores de atividades afins, circulação por diferentes lugares de produção, reflexão e expressão - possibilidades todas que certamente precisam ser revistas, repostas e talvez "legisladas" com maior clareza para maior democratização - mas possibilidades que deixam entrever mobilidade.

No que diz respeito à formação propriamente dita, formação não apenas consubstanciada pelo conjunto das vivências e experiências acumuladas em um percurso, mas formação sustentada especificamente no tripé análise pessoal, atendimento clínico/supervisão e estudo teórico, procurei um acompanhamento mais rigoroso e com

se constitui num espaço privilegiado de confirmação interior, de uma identificação com uma função analítica composta, é claro, por um conjunto maior de fatores.

Seria, ainda, oportuno ressaltar que um percurso rastreado desta maneira pode ganhar em universalidade, porém, perde em profundidade. Sendo assim, fica a promessa de um trabalho específico sobre o lugar fundante do pensamento de Freud nesta minha trajetória, possível de ser elaborado a partir deste texto introdutório.

Em relação a todo este caminho, gostaria de dedicar um especial agradecimento a Ernesto René Sang, a Renata Cromberg e a todos que participam deste Espaço - Departamento com o qual tenho convivido, não deixando de pronunciar aqui o nome de Reginaldo.

## NOTAS

1. Sobre uma crítica à atitude natural, essa fé perceptiva que adere sem hiato ao mundo, de tal forma que faz coincidir a familiaridade com a evidência das coisas, confundindo plano lógico e psicológico, cf. Husserl, E. - *A Filosofia como Ciência do Rigor e Ideias Diretivas para uma fenomenologia*, ed. Gallimard, 1977. "Todo conhecimento começa com a experiência, a ingenuidade consiste em permanecer nesta imediatez".
2. Cf. *Discurso do Método*, primeira parte, Abril Cultural, 1973, e ainda, *Primeira e Segunda Meditações Metafísicas*, idem, op. cit. Aqui o filósofo, ao mostrar a perplexidade diante das metamorfoses do sensível ou a impossibilidade em discernir entre imaginação vigilante e imaginação sonhadora, coloca os pressupostos de uma desunião entre o eu e a natureza, o subjetivo e a intersubjetividade.
3. Kant, Prefácio à segunda edição de *Crítica da Razão Pura*, Abril Cultural, 1973, e a obra em seu conjunto.
4. Contrariamente à versão convencional de que o mito é um relato fantasioso, a filosofia permitiu que se encontrasse a raiz comum entre mito e logos, pois ambos significam *palavra*, mesmo que sejam discursos hieráticos, como os *hieroi-logoi* (discursos sagrados). Para além da verdade ou falsidade, a experiência da condição humana revela-se na fimbria entre verdade e ficção (ver a esse respeito Vernant/Naquet, *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*, São Paulo, Brasiliense, 1988).
5. *Rua na Contramão*, São Paulo, Nobel, 1988.
6. Esta questão, cu a reencontrei tematizada no ensaio "Egoísmo e movimento de Emancipação", 1936, de Horkheimer, onde o autor estuda as relações entre auto-abnegação e destrutividade às quais contrapõe o "direito ao egoísmo". Também a correlação entre as "proezas" do "herói" e a imaturidade psíquica por ele estabelecidas em outros textos foram-me de grande valia naquele momento de questionamentos.
7. Marx, Karl - *O Dezoito Brumário*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
8. Cf. Cardoso, Irene "A dimensão trágica de 68"- *Revista Teoria e Debate*, nº 22.
9. Passagem de um texto por mim apresentado no processo de seleção do curso do Sedes, 1988.
10. Caderno do Sedes, 1988, p. 67, Curso de Psicanálise.